



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9605 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

PRÁTICA – QUESTÃO RADICAL DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Elza Margarida de Mendonça Peixoto - UFBA - Universidade Federal da Bahia

PRÁTICA – QUESTÃO RADICAL DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Resumo:

Argumenta-se que a *prática de ensino* e o *estágio* respondem à expectativa de antecipação *daquilo que é a verdade* do trabalho pedagógico. Remete à questão radical de uma formação subjetiva (formação das condições intelectuais do professor) que corresponda, e reflita adequadamente àquilo que é a realidade na qual ele vai atuar e com a qual vai se confrontar. A *verdade do trabalho pedagógico*, é, portanto, a condição prévia, anterior à existência dos professores em formação, na qual pretendemos que se encontrem – com *verdade*, com correspondência entre *consciência e realidade – a subjetividade do professor* e a *realidade objetiva exterior*, anterior e independente da consciência mais ou menos correta que o professor faça desta realidade. A *prática de ensino* e o *estágio* referem-se, portanto, ao problema da *formação com verdade*, ou seja, de uma formação que possibilite uma *consciência/subjetividade* que reflita adequadamente aquilo que é a realidade. Esta é a questão de fundo que a produção do conhecimento sobre a formação de professores revela.

Palavras-Chave: prática, formação de professores, teoria do conhecimento

Pensar a *prática do ensino* e o *estágio* demandam uma adequada investigação acerca do problema do conhecimento. Como podem os professores em formação conhecer com *verdade àquilo que é a realidade*? Quais os instrumentos que os professores em formação têm que por em movimento para uma adequada investigação acerca daquilo que é a realidade e acerca de como nela podemos intervir? Delimitando esta investigação à matriz materialista e dialética, quais as condições subjetivas que os professores em formação precisam desenvolver para conquistar a correspondência entre consciência e realidade objetiva? Em que medida a ida a campo possibilita produzir esta correspondência entre *consciência e realidade*? Em que medida esta ida a campo pode ser rigorosamente nominada *prática*?

A esclarecimento do sentido forte da prática

O balanço da crítica aos idealismos da prática na obra de José Barata-Moura possibilita o reconhecimento daquilo que é a **categoria materialista de prática**. No esforço de distinguir a categoria materialista prática e desautorizar os *idealismos da “práxis”*, na

obra, *Da representação à práxis*, Barata-Moura é contundente:

Por mais humanista que o projecto marxista seja— e seguramente que o é — nada autoriza a que se faça dele um idealismo, designadamente, em matéria de ontologia. É que nem mesmo a prática de Marx [...] monopoliza ou coincide com o domínio do ser. Para o marxismo, nem o ser se reduz à prática, nem a história se reduz à prática; do mesmo modo, também a prática não é condição estrutural e instituinte de possibilidade nem do ser, nem da história, nem da materialidade. (BARATA-MOURA, 1986a, p. 131)

A *prática*, em rigorosa acepção materialista e dialética nada porta de um “[...] sentido de que a matéria só exista ou só tenha significado em função de uma prática”. Tampouco refere-se “apenas a uma atitude teórica de reconhecimento do primado da realidade objectiva ou da unidade material do real”. No materialismo de Marx há uma dimensão fundamental, constitutiva que se refere à “[...] dimensão prática, *interveniente*, transformadora, nessa realidade mundana objectiva em que dialecticamente se inscreve”. Trata-se de “[...] revolucionar o mundo existente [*bestehende*], de *agarrar e de transformar as coisas encontradas [como já estando dadas, vorgefundnen]*” (BARATA-MOURA, 1986a, p. 119). No esforço de precisão categorial, o autor destaca que “[...] na textualidade marxista”, “[...] a *ação política*, a *experimentação* e o *trabalho* assomam como figuras particulares da prática — atividade materialmente transformadora” (BARATA-MOURA, 1994, p. 97).

Prática – transformação material – ação política

No que toca à ação política, está em questão “[...] o trabalho de transformação das idealidades e das consciências”, que se encontra “[...] estruturalmente carecido daquele efectivo poder de materialização que define o núcleo constitutivo da prática”: “[...] “ideias [...] não podem executar nada [...]. Para o executar das ideias são precisos os homens, que empregam um poder prático”. Há aí tarefas, entre outras, “que se colam a um projecto de remodelação da sociedade”, um projeto de “[...] revolucionar o mundo existente, de atacar praticamente e de transformar as coisas que se encontram” (BARATA-MOURA, 1994, p. 98). Neste sentido, mais que nunca, a formação de professores em perspectiva materialista e dialética deve reivindicar-se como processo consequente de tomada de partido na luta de classes. Isto significa dizer que um processo simultâneo de formação clássica (dirigida sob a perspectiva materialista e dialética de crítica) e formação para o posicionamento na luta de classes travada no século XXI entre capital e trabalho deve possibilitar (a) ir apreendendo os desafios que estão colocados para a escola em associação (b) com o incentivo à intervenção organizada nas lutas estudantis e dos trabalhadores da educação pela educação pública.

É este o sentido da *Terceira Tese* sobre Feuerbach, que Barata-Moura (2018, p. 331) recupera: “As circunstâncias educam, mas é também numa circunstância intervindo que nos educamos”. É na luta de classes que a formação de professores avança no sentido da prática como “transformação material”, destacadamente, enquanto luta pela superação das relações de produção capitalistas. Trata-se de distinguir precisamente os limites da luta política dentro e fora da escola. A consciência revolucionária da história, deve ser trabalhada para que compreendamos que **praticamos** um mundo em porvir que resulta de simultâneas forças desiguais em luta. Ler a correlação de forças é requisito essencial que deve compor a formação para o trabalho pedagógico com assento na teoria política clássica (liberalismo e socialismo como as teorias políticas que expressam os interesses históricos de capital e trabalho) e intervenção direta na luta sindical e partidária favorecida pela aproximação com as forças que expressam historicamente a ligação com os trabalhadores e a filiação ao

comunismo. No instante em que os professores formam um dos mais importantes blocos de crítica e combate às relações de produção capitalistas, contra o lema “Escola sem Partido”, nosso lema é “[...] formação de professores posicionada na luta de classes” orientada por um horizonte de transformação material direcionada à superação das relações de produção capitalistas.

Prática – transformação material – trabalho

O trabalho é o “[...] outro domínio de evidenciação da prática”:

Com o trabalho, a prática assoma na sua constitutiva dimensão estrutural, e estruturante, da produção e reprodução do viver pelas e nas sociedades humanas.

Mas a prática, enquanto categoria filosófica, não se reconduz, para Marx, à sua exclusiva dimensão económica. Aqui, como em muitos outros contextos, é indispensável ter presente que o materialismo — designadamente, o de Marx — não é um economicismo. “Toda a vida social é essencialmente prática” — decerto; só que não é porque apenas fundada no trabalho, nem — como outros pretendem — simplesmente porque é social, mas, em substância, porque globalmente ela possui um carácter material de transformação.

Esse é o horizonte do nosso viver. (BARATA-MOURA, 1994, p. 101)

Em *Ideologia e Prática* (1978), Barata-Moura recupera a “[...] acepção marxista-leninista”, segundo a qual a prática “[...] modifica, transforma ela própria a realidade objectiva”. O autor destaca que “[...] não é suficiente determinar a prática como uma transformação de “[...] uma matéria-prima” (cuja natureza não se esclarece devidamente), mediante um ‘trabalho’ (cujo carácter não é igualmente e inequivocamente definido)”. O aspecto decisivo é a “[...] determinação do carácter objectivo da prática” (BARATA-MOURA, 1978, p. 251).

Recorrendo a Heinrich Opitz:

O conceito marxista de práxis relaciona-se com o conjunto do processo, no qual a humanidade transforma a realidade objectiva. A práxis é o processo de vida material da sociedade, em que a humanidade permanentemente se mantém e desenvolve. À práxis pertencem, por exemplo, a produção, o trabalho, assim como a luta de classes, a atividade política, a formação de condições de vida e de trabalho socialistas e outras atividades. (OPITZ, 1975, citado por BARATA-MOURA, 1978, p. 252)

É por esta razão que o “[...] trabalho em que a prática consiste” é “[...] um trabalho que “[...] objectivamente, materialmente, transforma a própria realidade objectiva”. Trata-se de mais que “[...] um projecto, um plano, uma ideia ou uma concepção”, o “[...] próprio processo social de transformação da natureza” (BARATA-MOURA, 1978, p. 252). Defende:

É pela e na prática que, dia a dia, se vão materializando grande parte dos processos que constituem e integram a história concreta da manifestação real. A prática é, efetivamente, um momento e uma componente essenciais do devir contraditório da matéria. Identifica-se com a mediação social objectiva do real. (BARATA-MOURA, 1978, p. 253)

A **ligação** da formação pré-profissional com o **trabalho educativo na forma da profissão de professor** que atua em uma complexa e diversificada rede de educação vai ocorrer sob as condições da divisão social do trabalho educativo que impera nas relações de produção capitalistas, sempre, de forma abstrata (impedindo o reconhecimento das múltiplas determinações que a constituem), em termos conceituais gerais. Um passo adiante pode estar no exercício continuado da análise daquilo que efetivamente é o sistema educacional brasileiro.

Prática – transformação material – experimento

No que toca à experimentação, destaca: “[...] o experimento [...] é uma atividade prática, de transformação ou feitura efetiva, [que] envolve a realização prática, operativa, de um teste: é constitutivamente produção, e não mera exibição, de algo” (BARATA-MOURA, 1994, p. 99-100). Qual a contribuição desta “figura da prática” para o pensar da prática pré-profissional? Entendemos que a questão central aqui é a negação da prática pré-profissional reduzida à noção de *experiência* (subjetiva) em direção à *prática* como *experimento*, a nosso ver, o cerne daquilo que é o traço da formação pré-profissional. Há, entretanto, outra dimensão relevante, que se refere àquela expectativa de antecipação *daquilo que é a verdade* do trabalho pedagógico.

Na análise de Barata-Moura, no âmbito da teoria do conhecimento, esta 2ª tese sobre Feuerbach abrange tanto o “estatuto da “verdade”, quanto a *objetividade* do “verdadeiro” (BARATA-MOURA, 2018, p. 197). Entende que, para Marx “[...] uma questão *prática* é ofício de transformação material, e, por conseguinte, não se resume a um protocolo de “experiência”, a qual, enquanto observação empiricamente verificada, permanece submetida aos regimentos da “teoria”” (BARATA-MOURA, 2018, p. 215). Barata-Moura persegue a diferença da significação da questão para Marx e Feuerbach:

A questão do ser [...] remete, de facto, para a existência *objetiva* do real, candidamente identificado, no entanto [por F.], com a realidade do *sensível*, isto é, com aquela modalidade do aparecer ôntico que *supõe*, enquanto condição do seu re-conhecido estado de *independência*, um ser humano frente ao qual resiste, e que hospitaleiramente o acolhe.

É nessa estrada que o ser devém uma questão *prática*, não porque contenha nele trabalho humano de transformação incorporado, mas porque, na sua materialidade, **entra na órbita de um interesse vital**. O mundo goza de um estatuto próprio naquela precisa medida em que – enquanto onticamente distinto – **constitui o tabuleiro indispensável à esfera subjetiva própria** de um existir onde a vida e a morte se decidem (BARATA-MOURA, 20128, p. 216-217).

Por isto,

“Provar” (*beweisen*) a verdade de um pensamento “na prática” (*in der Praxis*) **não é apenas atestar empiricamente uma determinada “factualidade”** vigente que lhe corresponda, que ele reflita em moldes de correção experienciada. **A “prova” prática de um pensamento verdadeiro requer operações transformativas**, através das quais a verdade que ele com-porta, e enuncia, se materializa em formas de realidade que com ele convêm.

Importa, por isso, não baralhar **aquilo que a prática opera com aquilo que a observação empírica mostra**, diluindo pela mistura o constitutivo

momento de **diferença que entre estas duas atitudes humanas** no atender do mundo subsiste, e que se revela determinante na compreensão do sentido materialista dialético que à abordagem dos problemas está aqui a ser imprimido (BARATA-MOURA, 2012, p. 233-238).

Para além de um atestar empírico, aquilo que é a prova *prática* “[...] requer *operações transformativas*, através das quais a verdade que ele com-porta, e enuncia, se materializa em formas de realidade que com ele convêm” (BARATA-MOURA, 2012, p. 233).  
Detalha:

**O critério da verdade não é *ver*** (num reduto, ainda que qualificado, de “teoria”): **é *fazer*** (o que reclama, e envolve, *prática*, transformação material).

[...]

A *prática* – de que “experimento” e “trabalho” **constituem modalidades –**, **ao transformar materialmente, *determina*** configurações novas do real, e, nessa medida, ***instaura, num solo ontológico, figuras acrescidas de um verdadeiro que objectivamente ela pro-duz.***

Neste sentido, a “experiência” *constata* um facto, ou uma sucessão *escandida* de factos, na sua imediatez dada, **mas não *opera* as transformações** que, no decurso de um *processo* – formando (ou remodelado) uma materialidade objectiva – **confirmam a correção de um pensamento, e traduzem o “poder” produtivo que ele é susceptível de nortear.**

[...]

O ser – do qual se busca uma compreensão científica – não está apenas defronte colocado como um ex-orbitante “alteridade” intocada. Integra, e com-porta, enquanto ingrediência material objectiva, todo um viver histórico e socialmente entretecido de transformações [...] (BARATA-MOURA, 2012, p.233-238).

Aquilo que é a prática, neste caso, envolve mais que constatar, **apanhar em movimento e por em movimento aquilo que é.** Tem aí uma dimensão de historicidade que remete à materialidade com um movimento com passado, presente e futuro dialeticamente articulados que necessitam ser apanhados para uma adequada figura de *aquilo que é* que porta possibilidades de um *vir a ser* que já está lá como potência. Apanhadas corretamente as tendências, a teoria assoma verdadeira nesta possibilidade de feitura *prática* – transformação material.

Referências:

BARATA-MOURA, J. As teses das “teses” – para um exercício de leitura. Lisboa: Avante! 2018.

BARATA-MOURA, J. Da representação à “Práxis”. Lisboa: Caminho, 1986b.

BARATA-MOURA, J. Ideologia e Prática. Lisboa: Caminho, 1978.

BARATA-MOURA, J. Ontologias da “práxis” e idealismo. Lisboa: Caminho, 1986a.

BARATA-MOURA, J. Prática: para uma aclaração do seu sentido como categoria filosófica,  
Colibri, Lisboa – Portugal, 1994